

BEBOP, BIRD & BEYOND

Tudo me leva a crer que no *bebop* dos finais dos anos quarenta está uma das principais revoluções artísticas do século XX e, na figura emblemática de Charlie “*Bird*” Parker, os três pontos que mais me fascinam no jazz: a energia do momento, a criação de um discurso melódico em constante tensão e resolução e, sobretudo, a arte do solista, como um pássaro em pleno voo livre, desafiando o ritmo pulsante e inovador da tradicional secção rítmica – uma arte de rua (não esquecer), de encontros e de partilha pela noite dentro.

Foi sobretudo das mãos de *Bird* que nasceu o princípio do vocabulário do jazz moderno e o desenvolvimento dos *blues* e do *rhythm changes* – como as principais estruturas formais da época. Nunca a música havia evoluído tanto em tão pouco tempo, é sabido. Mais tarde, John Coltrane e, ainda mais adiante, Ornette Coleman, levaram estes elementos e esta nova linguagem musical à sua máxima exploração artística. O jazz que hoje se ouve nasceu e cresceu ali – se for jazz, assim se espera... Estes são factos históricos, até mesmo académicos, e aparecem em qualquer guia, livro de bolso ou dicionário sobre a história do jazz. A música, essa não se explica em poucas palavras, nem pretende ser alvo de grandes dissertações. Acontece com a vivência, com uma boa dose de experiência na relação conjunta de um com os demais intérpretes. Para um músico falar do que faz, o melhor é mostrá-lo musicalmente, vivendo a adrenalina de um palco e uma plateia ávida de sons e de energia. Art Blakey disse um dia que “o alimento de um músico de jazz é o aplauso”. Eu diria que é o prazer de tocar. O aplauso é um incentivo, vem depois da música. E é um gozo bestial quando a música acontece!

Pensar em revolução é pensar em mudança e em provocação. Esteticamente, e por essa razão, este concerto em forma de homenagem a Bird não pretende ser um regresso às origens do *bebop*, nem tão pouco um plágio da música que então se fazia – isso seria despropositado e, para os músicos em palco, um esforço herculiano quase impossível de pôr em prática. Revisitaremos, sim, alguns temas* de Charlie Parker, Thelonious Monk e Charlie Mingus, três dos expoentes máximos dessa era, rearranjados e reestruturados segundo a nossa perspectiva para esta estreia que a Casa da Música nos propõe. Mãos à obra!

Bernardo Sassetti, Janeiro de 2008

Músicos em palco:

Perico Sambeat – saxofone alto

Bernardo Sassetti – Piano, composição e arranjos

André Fernandes - Guitarra

Paco Charlín – Contrabaixo

Alexandre Frazão – Bateria